

Este “eu” é o centro de inúmeras necessidades que lhe parecem indispensáveis para assegurar sua felicidade: eu preciso – para “mim” – de boa comida, belas roupas, uma casa confortável, amigos etc. É por isso que o terceiro verso diz: *Concedais vossa graça para que nasça na corrente de consciência a ausência de necessidades.*

Nossa mente é, durante o dia, atulhada por uma porção de pensamentos sem relação com o *dharmā*. Oramos, então: *Concedais vossa graça para que cessem os pensamentos profanos.*

A fonte de todos os sofrimentos reside na crença que nossa mente existe realmente enquanto objeto, quando na verdade não possui nascimento, fim e localização: ela é vazia, materialmente inexistente. O quinto verso resume esta natureza da mente, sublinhando seu caráter não-nascido: *Concedais vossa graça para que minha própria mente realize-se como não-nascida.*

Por causa das perturbações como o desejo, o apego, a raiva, a aversão, o ciúme, a cegueira etc., somos tomados pelo jogo das aparências ilusórias. Essas aparências regem nossa vida presente, manifestam-se no sonho e também são produzidas no *bardo*. Oramos, então: *Concedais vossa graça para que as ilusões dissipem-se por si mesmas.*

A realização da natureza vazia da mente – o *mahāmudrā* – também é a realização do corpo absoluto, o *dharmakāya*. O *dharmakāya*, entretanto, não está dissociado da manifestação. Quando nos referimos a sua conexão com as formas, falaremos, portanto, de formas vazias. Da mesma maneira, falamos de sonoridades vazias ou ainda de atividade mental vazia. No entanto, essa vacuidade de todos os fenômenos só é plenamente experimentada no estado de Buddha. No sétimo verso, oramos: *Concedais vossa graça para que todas as aparências sejam realizadas como o dharmakāya.*

O primeiro verso da prece é um apelo ao lama, os seis outros referem-se a nossa progressão espiritual e nossa realização. Está só é possível pela graça das Três Jóias e principalmente do lama; é por isso que os seis versos pedem a graça. É necessário, ainda, que sejamos receptivos e abertos, isto é, que roguemos do fundo do coração, movidos por uma total sinceridade. Uma história tibetana ilustra o poder da devoção e da fé.

### *O dente do Buddha*

Uma velha senhora tibetana tinha um filho comerciante que ia freqüentemente à Índia para vender e comprar mercadorias. A velha senhora tinha uma fé muito grande no Buddha, tanto que seu maior desejo era possuir uma de suas relíquias. Por ocasião de uma de suas viagens à Índia, ao descrever o itinerário para sua mãe, o filho mencionou que passaria por Bodhgaya. Bodhgaya! O lugar do Despertar do Buddha!

– Já que você vai a um local tão sagrado – disse a mãe – tente trazer-me uma relíquia do Buddha ou pelo menos alguma coisa que lhe tenha pertencido.

– Eu prometo! – Respondeu o filho.

O mercador tomou então a rota para a Índia, negociou em várias cidades em que tinha previsto ir, passou por Bodhgaya, mas, ocupado com as compras e vendas, com os negócios, com o cálculo dos lucros e a avaliação da qualidade das mercadorias, esqueceu completamente a relíquia do Buddha.

Quando chegou em sua cidade, a primeira pergunta da mãe foi:

– Você se lembrou da minha relíquia?

– Sinto muito, não. – O filho não tinha se lembrado.

No ano seguinte, o filho realizou uma nova viagem à Índia. A mãe renovou-lhe o pedido com insistência, para vê-lo voltar alguns meses mais tarde com as mãos tão vazias quanto da primeira vez. Os negócios o ocuparam demasiadamente!

Perspectiva da terceira viagem, terceiro pedido da mãe que, impulsionada pela devoção e pelo desespero de ter um filho tão negligente, disse-lhe:

– Se você esquecer desta vez também de trazer-me o que eu pedi, quando você voltar, eu me matarei na sua frente.

E o filho, muito impressionado, prometeu não esquecer de jeito nenhum.

Pelas estradas da Índia, ele lembrava da promessa da mãe, mas o dia se passaram e a febre do comércio o ocupava mais e mais a cada semana. Voltou para o Tibete sem preocupar-se em levar nenhuma relíquia. Faltando um dia para chegar em casa, ele estava almoçando, quando – horror! – lembrou-se da promessa feita por sua mãe. Ele sabia que ela era capaz de levá-la a cabo. O que fazer?

De repente, avistou um cadáver de um cachorro em decomposição que não se encontrava muito longe dali. Uma luz brilhou em sua mente: dente de cachorro, dente de homem, a diferença não era muito grande; ele levaria para sua mãe um “dente de Buddha”!

Um objeto tão sagrado não poderia ser apresentado sem uma embalagem que mostrasse seu valor. Assim, nosso comerciante o envolveu com um brocado branco muito precioso, depois com um amarelo e outro vermelho. A maravilha estava pronta.

Quando encontrou sua mãe, esperou a pergunta dela com uma alegria não dissimulada:

– Então, fez boa viagem? Você não esqueceu de novo meu pedido, não é?

– Mãe, como eu poderia tê-lo esquecido quando sua vida dependia dele? Eu lhe trouxe um dente do Buddha. Veja!

Com os olhos cheios de lágrimas, a velha mulher recebeu o precioso pacote e, com respeito infinito, desatou os brocados um por um até que aparecesse essa coisa extraordinária, inacreditável, espantosa: um dente do Buddha!

Ela se apressou em colocar o dente sobre o altar, mandou cinzelar uma caixa de ouro para colocá-lo, depois, cada dia, recitou preces e dispôs oferendas diante do santo objeto. As pessoas das redondezas juntavam-se a ela em grande número para testemunhar devoção.

Após algum tempo, o vulgar dente de cachorro começou a produzir pérolas santas (tib. *ringseis*). Quanto à velha mulher, quando sua hora chegou, seu corpo desapareceu em um arco-íris ao mesmo tempo que uma chuva de flores caía do céu.

O dente era apenas um dente de cachorro, a velha senhora estava enganada, mas o poder de sua devoção era tão grande que pôde produzir tais prodígios.

Lembrando-nos desse exemplo, devemos cultivar uma devoção semelhante, apoiando-nos na prática do *guru-ioga*. Só poderemos fazer isso evitando distrações exteriores demasiadas, não nos deixando levar pela preguiça e não deixando que as dúvidas nos perturbem. Nessas condições, somente, poderemos estar abertos para a graça.